

**Fernando Pessoa**

*Cancioneiro*

Ciberfil Literatura Digital



Versão para Adobe Acrobat Reader por  
Rodolfo S. Cassaca

Março de 2002

Permitida a distribuição

Visite nosso site: [www.ciberfil.hpg.ig.com.br](http://www.ciberfil.hpg.ig.com.br)  
ou mande-nos um e-mail: [ciberfil@yahoo.com](mailto:ciberfil@yahoo.com)

---

# ***Cancioneiro:***

---

## **Nota Preliminar**

1. *Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.*
  2. *Todo o estado de alma é uma passagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E — mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem — pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.*
  3. *Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo — num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva — e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma — é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que “na ausência da amada o sol não brilha”, e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens. Tem de ser duas paisagens, mas pode ser — não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem — que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior. [...]*
-

## ÍNDICE

Abat-Jour.....	7
Abdicação.....	8
Abismo.....	9
A Grande Esfinge do Egito.....	10
A minha vida é um barco abandonado.....	11
A morte chega cedo.....	12
Andei léguas de sombra.....	13
A alcova.....	14
Ao longe, ao luar.....	15
Aqui onde se espera.....	16
As horas pela alameda.....	17
As minhas Ansiedades.....	18
Assim, sem nada feito e o por fazer.....	19
As tuas mãos terminam em segredo.....	20
Às vezes entre a tormenta.....	21
Atravessa esta paisagem o meu sonho.....	22
Autopsicografia.....	23
(?) Azul ou verde ou roxo.....	25
Baladas de uma outra terra.....	27
Bate a luz no cimo.....	28
Brilha uma Voz na Noute.....	29
Canção.....	30
Cansa Sentir Quando se Pensa.....	31
Cerca de grandes muros quem te sonhas Conselho.....	32
Cessa o teu canto!.....	33
Chove. É dia de Natal.....	34
Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva.....	35
Chove ? Nenhuma chuva cai.....	36
Começa a ir ser dia.....	37
Como a noite é longa!.....	38
Como inútil taça cheia.....	39
Como uma voz de fonte que cessasse.....	40
Conta a lenda que dormia.....	41
Contemplo o lago mudo.....	42
Contemplo o que não vejo.....	43
Dá a surpresa de ser.....	44
Da minha idéia do mundo.....	45
De onde é quase o horizonte.....	46
De quem é o olhar.....	47
Ditosos a quem acena.....	48
Dizem que finjo ou minto.....	49

Dizem? .....	50
Dobre.....	51
Dorme enquanto eu velo.....	52
Dorme, que a vida é nada! .....	53
Dorme sobre o meu seio.....	54
Do vale à montanha.....	55
Durmo. Se sonho, ao despertar não sei .....	56
É brando o dia, brando o vento .....	57
Ela canta, pobre ceifeira.....	58
Ela ia, tranqüila pastorinha.....	59
Elas são vaporosas.....	60
Em Busca da Beleza.....	61
Em horas inda louras, lindas .....	62
Emissário de um rei desconhecido.....	63
Em plena vida e violência .....	64
Além-Deus .....	65
Entre o bater rasgado dos pendões.....	68
Entre o luar e a folhagem .....	69
Entre o sono e sonho, .....	70
Eros e Psique .....	71
Esqueço-me das horas transviadas .....	73
Esta espécie de loucura .....	74
Feliz dia para quem é .....	76
Flor que não dura .....	77
Foi um momento .....	78
Fosse eu apenas, não sei onde ou como .....	80
Fresta .....	81
Fúria nas trevas o vento.....	82
Glosa.....	83
Gomes Leal .....	84
Grandes mistérios habitam.....	85
Guia-me a só a razão .....	86
Ilumina-se a Igreja por Dentro da Chuva.....	87
Intervalo .....	88
Isto.....	89
Liberdade.....	90
Não digas nada!.....	91
Não: não digas nada!.....	92
O Andaime .....	93
O Maestro Sacode a Batuta.....	95
O que me dói não é.....	97
Pobre velha música! .....	98
Põe-me as mãos nos ombros.....	99

Sonho. Não sei quem sou.....	100
Sorriso audível das folhas .....	101
Tenho Tanto Sentimento .....	102
Teus olhos entristecem.....	103
Tomamos a Vila depois de um Intenso Bombardeamento.....	104
Vaga, no azul amplo solta .....	105

## ***Abat-Jour***

A lâmpada acesa  
(Outrem a acendeu)  
Baixa uma beleza

Sobre o chão que é meu.  
No quarto deserto  
Salvo o meu sonhar,  
Faz no chão incerto  
Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz  
Que oscila no chão  
Meu sonho conduz  
Minha inatenção.

Bem sei... Era dia  
E longe de aqui...  
Quanto me sorria  
O que nunca vi!

E no quarto silente  
Com a luz a ondear  
Deixei vagamente  
Até de sonhar...

## **Abdicação**

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
E chama-me teu filho. Eu sou um rei  
que voluntariamente abandonei  
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,  
Em mãos viris e calmas entreguei;  
E meu cetro e coroa — eu os deixei  
Na antecâmara, feitos em pedaços

Minha cota de malha, tão inútil,  
Minhas esporas de um tinir tão fútil,  
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,  
E regressei à noite antiga e calma  
Como a paisagem ao morrer do dia.

## **Abismo**

Olho o Tejo, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
E súbito isto me bate  
De encontro ao devaneando —  
O que é sério, e correr?  
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,  
Vácuo, o momento, o lugar.  
Tudo de repente é oco —  
Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo — eu e o mundo em redor —  
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, idéia, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus...  
E súbito encontro Deus.

## ***A Grande Esfinge do Egito***

A Grande Esfinge do Egito sonha por este papel dentro...  
Escrevo — e ela aparece-me através da minha mão transparente  
E ao canto do papel erguem-se as pirâmides...

Escrevo — perturbo-me de ver o bico da minha pena  
Ser o perfil do rei Quéops ...  
De repente paro...  
Escureceu tudo... Caio por um abismo feito de tempo...

Estou soterrado sob as pirâmides a escrever versos à luz clara deste  
candeeiro  
E todo o Egito me esmaga de alto através dos traços que faço com a  
pena...

Ouçõ a Esfinge rir por dentro  
O som da minha pena a correr no papel...  
Atravessa o eu não poder vê-la uma mão enorme,  
Varre tudo para o canto do teto que fica por detrás de mim,  
E sobre o papel onde escrevo, entre ele e a pena que escreve  
Jaz o cadáver do rei Quéops, olhando-me com olhos muito abertos,  
E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo  
E uma alegria de barcos embandeirados erra  
Numa diagonal difusa  
Entre mim e o que eu penso...

Funerais do rei Quéops em ouro velho e Mim! ...

## ***A minha vida é um barco abandonado***

A minha vida é um barco abandonado  
Infel, no ermo porto, ao seu destino.  
Por que não ergue ferro e segue o atino  
De navegar, casado com o seu fado ?

Ah! falta quem o lance ao mar, e alado  
Torne seu vulto em velas; peregrino  
Frescor de afastamento, no divino  
Amplexo da manhã, puro e salgado.

Morto corpo da ação sem vontade  
Que o viva, vulto estéril de viver,  
Boiando à tona inútil da saudade.

Os limos esverdeiam tua quilha,  
O vento embala-te sem te mover,  
E é para além do mar a ansiada Ilha.

## ***A morte chega cedo***

A morte chega cedo,  
Pois breve é toda vida  
O instante é o arremedo  
De uma coisa perdida.

O amor foi começado,  
O ideal não acabou,  
E quem tenha alcançado  
Não sabe o que alcançou.

E tudo isto a morte  
Risca por não estar certo  
No caderno da sorte  
Que Deus deixou aberto.

## ***Andei léguas de sombra***

Andei léguas de sombra  
Dentro em meu pensamento.  
Floresceu às avessas  
Meu ócio com sem-nexo,  
E apagaram-se as lâmpadas  
Na alcova cambaleante.

Tudo prestes se volve  
Um deserto macio  
Visto pelo meu tato  
Dos veludos da alcova,  
Não pela minha vista.  
Há um oásis no Incerto  
E, como uma suspeita  
De luz por não-há-frinchas,  
Passa uma caravana.

Esquece-me de súbito  
Como é o espaço, e o tempo  
Em vez de horizontal  
É vertical.

## ***A alcova***

Desce não se por onde  
Até não me encontrar.  
Ascende um leve fumo  
Das minhas sensações.  
Deixo de me incluir  
Dentro de mim. Não há  
Cá-dentro nem lá-fora.

E o deserto está agora  
Virado para baixo.

A noção de mover-me  
Esqueceu-se do meu nome.  
Na alma meu corpo pesa-me.  
Sinto-me um reposteiro  
Pendurado na sala  
Onde jaz alguém morto.

Qualquer coisa caiu  
E tiniu no infinito.

## ***Ao longe, ao luar***

Ao longe, ao luar,  
No rio uma vela,  
Serena a passar,  
Que é que me revela ?

Não sei, mas meu ser  
Tornou-se-me estranho,  
E eu sonho sem ver  
Os sonhos que tenho.

Que angústia me enlaça ?  
Que amor não se explica ?  
É a vela que passa  
Na noite que fica.

## ***Aqui onde se espera***

Aqui onde se espera  
— Sossego, só sossego —  
Isso que outrora era,

Aqui onde, dormindo,  
— Sossego, só sossego —  
Se sente a noite vindo,

E nada importaria  
— Sossego, só sossego —  
Que fosse antes o dia,

Aqui, aqui estarei  
— Sossego, só sossego —  
Como no exílio um rei,

Gozando da ventura  
— Sossego, só sossego —  
De não ter a amargura

De reinar, mas guardando  
— Sossego, só sossego —  
O nome venerando...

Que mais quer quem descansa  
— Sossego, só sossego —  
Da dor e da esperança,

Que ter a negação  
— Sossego, só sossego —  
De todo o coração ?

## ***As horas pela alameda***

As horas pela alameda  
Arrastam vestes de seda,

Vestes de seda sonhada  
Pela alameda alongada

Sob o azular do luar...  
E ouve-se no ar a expirar —

A expirar mas nunca expira —  
Uma flauta que delira,

Que é mais a idéia de ouvi-la  
Que ouvi-la quase tranqüila

Pelo ar a ondear e a ir...  
Silêncio a tremeluzir...

## ***As minhas Ansiedades***

As minhas ansiedades caem  
Por uma escada abaixo.  
Os meus desejos balouçam-se  
Em meio de um jardim vertical.

Na Múmia a posição é absolutamente exata.

Música longínqua,  
Música excessivamente longínqua,  
Para que a Vida passe  
E colher esqueça aos gestos.

## ***Assim, sem nada feito e o por fazer***

Assim, sem nada feito e o por fazer  
Mal pensado, ou sonhado sem pensar,  
Vejo os meus dias nulos decorrer,  
E o cansaço de nada me aumentar.

Perdura, sim, como uma mocidade  
Que a si mesma se sobrevive, a esperança,  
Mas a mesma esperança o tédio invade,  
E a mesma falsa mocidade cansa.

Tênuê passar das horas sem proveito,  
Leve correr dos dias sem ação,  
Como a quem com saúde jaz no leito  
Ou quem sempre se atrasa sem razão.

Vadio sem andar, meu ser inerte  
Contempla-me, que esqueço de querer,  
E a tarde exterior seu tédio verte  
Sobre quem nada fez e nada quere.

Inútil vida, posta a um canto e ida  
Sem que alguém nela fosse, nau sem mar,  
Obra solentemente por ser lida,  
Ah, deixem-se sonhar sem esperar!

## ***As tuas mãos terminam em segredo***

As tuas mãos terminam em segredo.  
Os teus olhos são negros e macios  
Cristo na cruz os teus seios (?) esguios  
E o teu perfil princesas no degredo...

Entre buxos e ao pé de bancos frios  
Nas entrevistas alamedas, quedo  
O vendo põe o seu arrastado medo  
Saudoso o longes velas de navios.

Mas quando o mar subir na praia e for  
Arrasar os castelos que na areia  
As crianças deixaram, meu amor,

Será o haver cais num mar distante...  
Pobre do rei pai das princesas feias  
No seu castelo à rosa do Levante!

## ***Às vezes entre a tormenta***

Às vezes entre a tormenta,  
quando já umedeceu,  
raia uma nesga no céu,  
com que a alma se alimenta.

E às vezes entre o torpor  
que não é tormenta da alma,  
raia uma espécie de calma  
que não conhece o langor.

E, quer num quer noutro caso,  
como o mal feito está feito,  
restam os versos que deito,  
vinho no copo do acaso.

Porque verdadeiramente  
sentir é tão complicado  
que só andando enganado  
é que se crê que se sente.

Sofremos? Os versos pecam.  
Mentimos? Os versos falham.  
E tudo é chuvas que orvalham  
folhas caídas que secam.

## ***Atravessa esta paisagem o meu sonho***

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito  
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios  
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra  
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido  
E esta paisagem é cheia de sol deste lado...  
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio  
E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...  
O vulto do cais é a estrada nítida e calma  
Que se levanta e se ergue como um muro,  
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores  
Com uma horizontalidade vertical,  
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro...

Não sei quem me sonho...  
Súbito toda a água do mar do porto é transparente  
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse  
desdobrada,  
Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele  
porto,  
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa  
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem  
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,  
E passa para o outro lado da minha alma...

## ***Autopsicografia***

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.



## **(?) Azul ou verde ou roxo**

Azul, ou verde, ou roxo quando o sol  
O doura falsamente de vermelho,  
O mar é áspero (?), casual (?) ou mol(e),  
É uma vez abismo e outra espelho.  
Evoco porque sinto velho  
O que em mim quereria mais que o mar  
Já que nada ali há por desvendar.

Os grandes capitães e os marinheiros  
Com que fizeram a navegação,  
Jazem longínquos, lúgubres parceiros  
Do nosso esquecimento e ingratidão.

Só o mar às vezes, quando são  
Grandes as ondas e é deveras mar  
Parece incertamente recordar.

Mas sonho... O mar é água, é água nua,  
Serve do obscuro ímpeto distante  
Que, como a poesia, vem da lua  
Que uma vez o abate outra o levanta.  
Mas, por mais que descante  
Sobre a ignorância natural do mar,  
Pressinto-o, vasante, a murmurar.

Quem sabe o que é a alma ? Quem conhece  
Que alma há nas coisas que parecem mortas.  
Quanto em terra ou em nada nunca esquece.  
Quem sabe se no espaço vácuo há portas?  
O sonho que me exortas  
A meditar assim a voz do mar,  
Ensina-me a saber-te meditar.

Capitães, contramestres — todos nautas  
Da descoberta infiel de cada dia  
Acaso vos chamou de ignotas flautas  
A vaga e impossível melodia.  
Acaso o vosso ouvido ouvia  
Qualquer coisa do mar sem ser o mar  
Sereias só de ouvir e não de achar?

Quem atrás de intérminos oceanos  
Vos chamou à distância ou quem  
Sabe que há nos corações humanos  
Não só uma ânsia natural de bem  
Mas, mais vaga, mais sutil também  
Uma coisa que quer o som do mar  
E o estar longe de tudo e não parar.

Se assim é e se vós e o mar imenso  
Sois qualquer coisa, vós por o sentir  
E o mar por o ser, disto que penso;  
Se no fundo ignorado do existir  
Há mais alma que a que pode vir  
À tona vã de nós, como à do mar  
Fazei-me livre, enfim , de o ignorar.

Dai-me uma alma transposta de argonauta,  
Fazei que eu tenha, como o capitão  
Ou o contramestre, ouvidos para a flauta  
Que chama ao longe o nosso coração,  
Fazei-me ouvir , como a um perdão,  
Numa reminiscência de ensinar,  
O antigo português que fala o mar!

## ***Baladas de uma outra terra***

Baladas de uma outra terra, aliadas  
Às saudades das fadas, amadas por gnomos idos,  
Retinem lívidas ainda aos ouvidos  
Dos luars das altas noites aladas...  
Pelos canais barcas erradas  
Segredam-se rumos descritos...

E tresloucadas ou casadas com o som das baladas,  
As fadas são belas e as estrelas  
São delas... Ei-las alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,  
Nos canais fatais iguais de erradas,  
As barcas parcas das fadas,  
Das fadas aladas e hiemais  
E caladas...

Toadas afastadas, irreais, de baladas...  
Ais...

## ***Bate a luz no cimo...***

Bate a luz no cimo  
Da montanha, vê...  
Sem querer eu cismo  
Mas não sei em quê....

Não sei que perdi  
Ou que não achei...  
Vida que vivi,  
Que mal eu a amei!...

Hoje quero tanto  
Que o não posso ter,  
De manhã há o pranto  
E ao anoitecer...

Tomara eu ter jeito  
Para ser feliz...  
Como o mundo é estreito,  
E o pouco que eu quis!

Vai morrendo a luz  
No alto da montanha...  
Como um rio a flux  
A minha alma banha,

Mas não me acarinha,  
Não me acalma nada...  
Pobre criancinha  
Perdida na estrada!...

## ***Brilha uma Voz na Noute ...***

Brilha uma voz na noute  
De dentro de Fora ouvi-a...  
Ó Universo, eu sou-te...  
Oh, o horror da alegria  
Deste pavor, do archote  
Se apagar, que me guia!

Cinzas de idéia e de nome  
Em mim, e a voz: Ó mundo,  
Sermente em ti eu sou-me...  
Mero eco de mim, me inundo  
De ondas de negro lume  
Em que pra Deus me afundo.

## **Canção**

Silfos ou gnomos tocam?...  
Roçam nos pinheirais  
Sombras e bafos leves  
De ritmos musicais.

Ondulam como em voltas  
De estradas não sei onde  
Ou como alguém que entre árvores  
Ora se mostra ou esconde.

Forma longínqua e incerta  
Do que eu nunca terei...  
Mal oiço e quase choro.  
Por que choro não sei.

Tão tênue melodia  
Que mal sei se ela existe  
Ou se é só o crepúsculo,  
Os pinhais e eu estar triste.

Mas cessa, como uma brisa  
Esquece a forma aos seus ais;  
E agora não há mais música  
Do que a dos pinheirais.

## ***Cansa Sentir Quando se Pensa***

Cansa sentir quando se pensa.  
No ar da noite a madrugada  
Há uma solidão imensa  
Que tem por corpo o frio do ar.

Neste momento insone e triste  
Em que não sei quem hei de ser,  
Pesa-me o informe real que existe  
Na noite antes de amanhecer.

Tudo isto me parece tudo.  
E é uma noite a ter um fim  
Um negro astral silêncio surdo  
E não poder viver assim.

(Tudo isto me parece tudo.  
Mas noite, frio, negror sem fim,  
Mundo mudo, silêncio mudo —  
Ah, nada é isto, nada é assim!)

## ***Cerca de grandes muros quem te sonhas Conselho***

Cerca de grandes muros quem te sonhas.  
Depois, onde é visível o jardim  
Através do portão de grade dada,  
Põe quantas flores são as mais risonhas,  
Para que te conheçam só assim.  
Onde ninguém o vir não ponhas nada.

Faze canteiros como os que outros têm,  
Onde os olhares possam entrever  
O teu jardim com lho vais mostrar.  
Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém,  
Deixa as flores que vêm do chão crescer  
E deixa as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo ser guardado;  
E que ninguém, que veja e fite, possa  
Saber mais que um jardim de quem tu és —  
Um jardim ostensivo e reservado,  
Por trás do qual a flor nativa roça  
A erva tão pobre que nem tu a vês...

## ***Cessa o teu canto!***

Cessa o teu canto!  
Cessa, que, enquanto  
O ouvi, ouvia  
Uma outra voz  
Com que vindo  
Nos interstícios  
Do brando encanto  
Com que o teu canto  
Vinha até nós.

Ouvi-te e ouvi-a  
No mesmo tempo  
E diferentes  
Juntas cantar.  
E a melodia  
Que não havia.  
Se agora a lembro,  
Faz-me chorar.

## ***Chove. É dia de Natal***

Chove. É dia de Natal.  
Lá para o Norte é melhor:  
Há a neve que faz mal,  
E o frio que ainda é pior.

E toda a gente é contente  
Porque é dia de o ficar.  
Chove no Natal presente.  
Antes isso que nevar.

Pois apesar de ser esse  
O Natal da convenção,  
Quando o corpo me arrefece  
Tenho o frio e Natal não.

Deixo sentir a quem quadra  
E o Natal a quem o fez,  
Pois se escrevo ainda outra quadra  
Fico gelado dos pés.

## ***Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva***

Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva  
Não faz ruído senão com sossego.  
Chove. O céu dorme. Quando a alma é viúva  
Do que não sabe, o sentimento é cego.  
Chove. Meu ser (quem sou) renego...

Tão calma é a chuva que se solta no ar  
(Nem parece de nuvens) que parece  
Que não é chuva, mas um sussurrar  
Que de si mesmo, ao sussurrar, se esquece.  
Chove. Nada apetece...

Não paira vento, não há céu que eu sinta.  
Chove longínqua e indistintamente,  
Como uma coisa certa que nos minta,  
Como um grande desejo que nos mente.  
Chove. Nada em mim sente...

## ***Chove ? Nenhuma chuva cai...***

Chove? Nenhuma chuva cai...  
Então onde é que eu sinto um dia  
Em que ruído da chuva atraí  
A minha inútil agonia ?

Onde é que chove, que eu o ouço ?  
Onde é que é triste, ó claro céu ?  
Eu quero sorrir-te, e não posso,  
Ó céu azul, chamar-te meu...

E o escuro ruído da chuva  
É constante em meu pensamento.  
Meu ser é a invisível curva  
Traçada pelo som do vento...

E eis que ante o sol e o azul do dia,  
Como se a hora me estorvasse,  
Eu sofro... E a luz e a sua alegria  
Cai aos meus pés como um disfarce.

Ah, na minha alma sempre chove.  
Há sempre escuro dentro de mim.  
Se escuro, alguém dentro de mim ouve  
A chuva, como a voz de um fim...

Os céus da tua face, e os derradeiros  
Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro seqüestrando a lucidez  
Um espasmo apagado em ódio à ânsia  
Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos,  
E a cor do outono é um funeral de apelos  
Pela estrada da minha dissonância...

## ***Começa a ir ser dia***

Começa a ir ser dia,  
O céu negro começa,  
Numa menor negrura  
Da sua noite escura,  
A Ter uma cor fria  
Onde a negrura cessa.

Um negro azul-cinzento  
Emerge vagamente  
De onde o oriente dorme  
Seu tardo sono informe,  
E há um frio sem vento  
Que se ouve e mal se sente.

Mas eu, o mal-dormido,  
Não sinto noite ou frio,  
Nem sinto vir o dia  
Da solidão vazia.  
Só sinto o indefinido  
Do coração vazio.

Em vão o dia chega  
Quem não dorme, a quem  
Não tem que ter razão  
Dentro do coração,  
Que quando vive nega  
E quando ama não tem.

Em vão, em vão, e o céu  
Azula-se de verde  
Acinzentadamente.  
Que é isto que a minha alma sente ?  
Nem isto, não, nem eu,  
Na noite que se perde.

## ***Como a noite é longa!***

Como a noite é longa!  
Toda a noite é assim...  
Senta-te, ama, perto  
Do leito onde esperto.  
Vem p'r'ao pé de mim...

Amei tanta coisa...  
Hoje nada existe.  
Aqui ao pé da cama  
Canta-me, minha ama,  
Uma canção triste.

Era uma princesa  
Que amou... Já não sei...  
Como estou esquecido!  
Canta-me ao ouvido  
E adormecerei...

Que é feito de tudo ?  
Que fiz eu de mim?  
Deixa-me dormir,

Dormir a sorrir  
E seja isto o fim.

## ***Como inútil taça cheia***

Como inútil taça cheia  
Que ninguém ergue da mesa,  
Transborda de dor alheia  
Meu coração sem tristeza.

Sonhos de mágoa figura  
Só para Ter que sentir  
E assim não tem a amargura  
Que se temeu a fingir.

Ficção num palco sem tábuas  
Vestida de papel seda  
Mima uma dança de mágoas  
Para que nada suceda.

## ***Como uma voz de fonte que cessasse***

Como uma voz de fonte que cessasse  
(E uns para os outros nossos vãos olhares  
Se admiraram), p'ra além dos meus palmares  
De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou... Apareceu já sem disfarce  
De música longínqua, asas nos ares,  
O mistério silente como os mares,  
Quando morreu o vento e a calma pasce...

A paisagem longínqua só existe  
Para haver nela um silêncio em descida  
P'ra o mistério, silêncio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,  
O mundo, o informe mundo onde há a vida...  
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...

## ***Conta a lenda que dormia***

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera.  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado.  
Ele dela é ignorado.  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino —  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E, vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora.  
E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

## ***Contemplo o lago mudo***

Contemplo o lago mudo  
Que uma brisa estremece.  
Não sei se penso em tudo  
Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz,  
Não sinto a brisa mexê-lo  
Não sei se sou feliz  
Nem se desejo sê-lo.

Trêmulos vincos risonhos  
Na água adormecida.  
Por que fiz eu dos sonhos  
A minha única vida?

## ***Contemplo o que não vejo***

Contemplo o que não vejo.  
É tarde, é quase escuro.  
E quanto em mim desejo  
Está parado ante o muro.

Por cima o céu é grande;  
Sinto árvores além;  
Embora o vento abrande,  
Há folhas em vaivém.

Tudo é do outro lado,  
No que há e no que penso.  
Nem há ramo agitado  
Que o céu não seja imenso.

Confunde-se o que existe  
Com o que durmo e sou.  
Não sinto, não sou triste.  
Mas triste é o que estou.

## ***Dá a surpresa de ser***

Dá a surpresa de ser.  
É alta, de um louro escuro.  
Faz bem só pensar em ver  
Seu corpo meio maduro.

Seus seios altos parecem  
(Se ela tivesse deitada)  
Dois montinhos que amanhecem  
Sem Ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco  
Assenta em palmo espalhado  
Sobre a saliência do flanco  
Do seu relevo tapado.

Apetece como um barco.  
Tem qualquer coisa de gomo.  
Meu Deus, quando é que eu embarco?  
Ó fome, quando é que eu como ?

## ***Da minha idéia do mundo***

Da minha idéia do mundo

Caí...

Vácuo além do profundo,  
Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos  
De ser pensado como ser...  
Escada absoluta sem degraus...  
Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...  
Clarão do Desconhecido...  
Tudo tem outro sentido, ó alma,  
Mesmo o ter-um-sentido...

## ***De onde é quase o horizonte***

De onde é quase o horizonte  
Sobe uma névoa ligeira  
E afaga o pequeno monte  
Que pára na dianteira.

E com braços de farrapo  
Quase invisíveis e frios,  
Faz cair seu ser de trapo  
Sobre os contornos macios.

Um pouco de alto medito  
A névoa só com a ver.  
A vida? Não acredito.  
A crença? Não sei viver.

## ***De quem é o olhar***

De quem é o olhar  
Que espreita por meus olhos ?  
Quando penso que vejo,  
Quem continua vendo  
Enquanto estou pensando ?  
Por que caminhos seguem,  
Não os meus tristes passos,  
Mas a realidade  
De eu ter passos comigo ?

Às vezes, na penumbra  
Do meu quarto, quando eu  
Por mim próprio mesmo  
Em alma mal existo,

Toma um outro sentido  
Em mim o Universo —  
É uma nódoa esbatida  
De eu ser consciente sobre  
Minha idéia das coisas.

Se acenderem as velas  
E não houver apenas  
A vaga luz de fora —  
Não sei que candeeiro  
Aceso onde na rua —  
Terei foscos desejos  
De nunca haver mais nada  
No Universo e na Vida  
De que o obscuro momento  
Que é minha vida agora!

Um momento afluyente  
Dum rio sempre a ir  
Esquecer-se de ser,  
Espaço misterioso  
Entre espaços desertos  
Cujo sentido é nulo  
E sem ser nada a nada.  
E assim a hora passa  
Metafisicamente.

## ***Ditosos a quem acena***

### **MARINHA**

Ditosos a quem acena  
Um lenço de despedida!  
São felizes : têm pena...  
Eu sofro sem pena a vida.

Dôo-me até onde penso,  
E a dor é já de pensar,  
Órfão de um sonho suspenso  
Pela maré a vazar...

E sobe até mim, já farto  
De improficuas agonias,  
No cais de onde nunca parto,  
A maresia dos dias.

## ***Dizem que finjo ou minto***

Dizem que finjo ou minto  
Tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação.  
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,  
O que me falha ou finda,  
É como que um terraço  
Sobre outra coisa ainda.  
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio  
Do que não está ao pé,  
Livre do meu enleio,  
Sério do que não é,  
Sentir, sintam quem lê!

## ***Dizem?***

Dizem?  
Esquecem.  
Não dizem ?  
Disseram.

Fazem?  
Fatal.  
Não fazem?  
Igual.

Por quê  
Esperar ?  
Tudo é  
Sonhar.

## ***Dobre***

Peguei no meu coração  
E pu-lo na minha mão

Olhei-o como quem olha  
Grãos de areia ou uma folha.

Olhei-o pálido e absorto  
Como quem sabe estar morto;

Com a alma só comovida  
Do sonho e pouco da vida.

## ***Dorme enquanto eu velo...***

Dorme enquanto eu velo...  
Deixa-me sonhar...  
Nada em mim é risonho.  
Quero-te para sonho,  
Não para te amar.

A tua carne calma  
É fria em meu querer.  
Os meus desejos são cansaços.  
Nem quero ter nos braços  
Meu sonho do teu ser.

Dorme, dorme, dorme,  
Vaga em teu sorrir...  
Sonho-te tão atento  
Que o sonho é encantamento  
E eu sonho sem sentir.

## ***Dorme, que a vida é nada!***

Dorme, que a vida é nada!  
Dorme, que tudo é vão!  
Se alguém achou a estrada,  
Achou-a em confusão,  
Com a alma enganada.

Não há lugar nem dia  
Para quem quer achar,  
Nem paz nem alegria  
Para quem, por amar,  
Em quem ama confia.

Melhor entre onde os ramos  
Tecem docéis sem ser  
Ficar como ficamos,  
Sem pensar nem querer,  
Dando o que nunca damos.

## ***Dorme sobre o meu seio***

Dorme sobre o meu seio,  
Sonhando de sonhar...  
No teu olhar eu leio  
Um lúbrico vagar.  
Dorme no sonho de existir  
E na ilusão de amar.

Tudo é nada, e tudo  
Um sonho finge ser.  
O 'spaço negro é mudo.  
Dorme, e, ao adormecer,  
Saibas do coração sorrir  
Sorrisos de esquecer.

Dorme sobre o meu seio,  
Sem mágoa nem amor...

No teu olhar eu leio  
O íntimo torpor  
De quem conhece o nada-ser  
De vida e gozo e dor.

## ***Do vale à montanha***

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte, cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Pr casas, por prados,  
Por Quinta e por fonte,  
Caminhais aliados.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por penhascos pretos,  
Atrás e defronte,  
Caminhais secretos.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por quanto é sem fim,  
Sem ninguém que o conte,  
Caminhais em mim.

## ***Durmo. Se sonho, ao despertar não sei***

Durmo. Se sonho, ao despertar não sei  
Que coisas eu sonhei.  
Durmo. Se durmo sem sonhar, desperto  
Para um espaço aberto  
Que não conheço, pois que despertei  
Para o que inda não sei.  
Melhor é nem sonhar nem não sonhar  
E nunca despertar.

## ***É brando o dia, brando o vento***

É brando o dia, brando o vento  
É brando o sol e brando o céu.  
Assim fosse meu pensamento!  
Assim fosse eu, assim fosse eu!

Mas entre mim e as brandas glórias  
Deste céu limpo e este ar sem mim  
Intervêm sonhos e memórias...  
Ser eu assim ser eu assim!

Ah, o mundo é quanto nós trazemos.  
Existe tudo porque existo.  
Há porque vemos.  
E tudo é isto, tudo é isto!

## ***Ela canta, pobre ceifeira***

Ela canta, pobre ceifeira,  
Julgando-se feliz talvez;  
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia  
De alegre e anônima viuvez,

Ondula como um canto de ave  
No ar limpo como um limiar,  
E há curvas no enredo suave  
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,  
Na sua voz há o campo e a lida,  
E canta como se tivesse  
Mais razões pra cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!  
O que em mim sente 'stá pensando.  
Derrama no meu coração a tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!  
Ter a tua alegre inconsciência,  
E a consciência disso! Ó céu!  
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!  
Entrai por mim dentro! Tornai  
Minha alma a vossa sombra leve!  
Depois, levando-me, passai!

## ***Ela ia, tranqüila pastorinha***

Ela ia, tranqüila pastorinha,  
Pela estrada da minha imperfeição.  
Segui-a, como um gesto de perdão,  
O seu rebanho, a saudade minha...

“Em longes terras hás de ser rainha  
Um dia lhe disseram, mas em vão...  
Seu vulto perde-se na escuridão...  
Só sua sombra ante meus pés caminha...

Deus te dê lírios em vez desta hora,  
E em terras longe do que eu hoje sinto  
Serás, rainha não, mas só pastora \_

Só sempre a mesma pastorinha a ir,  
E eu serei teu regresso, esse indistinto  
Abismo entre o meu sonho e o meu porvir...

## ***Elas são vaporosas***

### **MINUETE INVISÍVEL**

Elas são vaporosas,  
Pálidas sombras, as rosas  
Nadas da hora lunar...

Vêm, aéreas, dançar  
Com perfumes soltos  
Entre os canteiros e os buxos...  
Chora no som dos repuxos  
O ritmo que há nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...  
Pálida, a pompa indecisa  
Da sua flébil demora  
Paira em auréola à hora...

Passam nos ritmos da sombra...  
Ora é uma folha que tomba,  
Ora uma brisa que treme  
Sua leveza solene...

E assim vão indo, delindo  
Seu perfil único e lindo,  
Seu vulto feito de todas,  
Nas alamedas, em rodas,  
No jardim lívido e frio...

Passam sozinhas, a fio,  
Como um fumo indo, a rarear,  
Pelo ar longínquo e vazio,  
Sob o, disperso pelo ar,  
Pálido pálio lunar ...

## ***Em Busca da Beleza***

Soam vãos, dolorido epicurista,  
Os versos teus, que a minha dor despreza;  
Já tive a alma sem descrença presa  
Desse teu sonho, que perturba a vista.

Da Perfeição segui em vã conquista,  
Mas vi depressa, já sem a alma acesa,  
Que a própria idéia em nós dessa beleza  
Um infinito de nós mesmos dista.

Nem à nossa alma definir podemos  
A Perfeição em cuja estrada a vida,  
Achando-a intérmina, a chorar perdemos.

O mar tem fim, o céu talvez o tenha,  
Mas não a ânsia da Coisa indefinida  
Que o ser indefinida faz tamanha.

## ***Em horas inda louras, lindas***

Em horas inda louras, lindas  
Clorindas e Belindas, brandas,  
Brincam no tempo das berlindas,  
As vindas vendo das varandas,  
De onde ouvem vir a rir as vindas  
Fitam a fio as frias bandas.

Mas em torno à tarde se entorna  
A atordoar o ar que arde  
Que a eterna tarde já não torna!  
E o tom de atoarda todo o alarde  
Do adornado ardor transtorna  
No ar de torpor da tarda tarde.

E há nevoentos desencantos  
Dos encantos dos pensamentos  
Nos santos lentos dos recantos  
Dos bentos cantos dos conventos....  
Prantos de intentos, lentos, tantos  
Que encantam os atentos ventos.

## ***Emissário de um rei desconhecido***

Emissário de um rei desconhecido,  
Eu cumpro informes instruções de além,  
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm  
Soam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido  
Entre mim e a missão que o meu ser tem,  
E a glória do meu Rei dá-me desdém  
Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.  
Minha missão será eu a esquecer,  
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições  
De antes de tempo e espaço e vida e ser...  
Já viram Deus as minhas sensações...

## ***Em plena vida e violência***

Em plena vida e violência  
De desejo e ambição,  
De repente uma sonolência  
Cai sobre a minha ausência.  
Desce ao meu próprio coração.

Será que a mente, já desperta  
Da noção falsa de viver,  
Vê que, pela janela aberta,  
Há uma paisagem toda incerta  
E um sonho todo a apetecer ?

## ***Além-Deus***

**Abismo**

**Passou**

**A Voz de Deus**

**A Queda**

**Braço sem Corpo Brandindo um Gládio**

### **I/ ABISMO**

OLHO O TEJO, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
E súbito isto me bate  
De encontro ao devaneando —  
O que é ser-rio, e correr?  
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,  
Vácuo, o momento, o lugar.  
Tudo de repente é oco —  
Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo — eu e o mundo em redor —  
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, idéia, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus...

E súbito encontro Deus.

### **II/ PASSOU**

Passou, fora de Quando,  
De Porquê, e de Passando...,  
Turbilhão de Ignorado,  
Sem ter turbilhonado...,

Vasto por fora do Vasto  
Sem ser, que a si se assombra...

O Universo é o seu rasto...  
Deus é a sua sombra...

### **III/ A VOZ DE DEUS**

Brilha uma voz na noute...  
De dentro de Fora ouvi-a...  
Ó Universo, eu sou-te...  
Oh, o horror da alegria  
Deste pavor, do archote  
Se apagar, que me guia!

Cinzas de idéia e de nome  
Em mim, e a voz: Ó mundo,  
Sermente em ti eu sou-me...  
Mero eco de mim, me inundo  
De ondas de negro lume  
Em que para Deus me afundo.

### **IV/ A QUEDA**

Da minha idéia do mundo  
Caí...  
Vácuo além de profundo,  
Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos  
De ser pensado como ser...  
Escada absoluta sem degraus...  
Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...  
Clarão de Desconhecido...  
Tudo tem outro sentido, ó alma,  
Mesmo o ter-um-sentido...

### **V/ BRAÇO SEM CORPO BRANDINDO UM GLÁDIO (Entre a árvore e o vê-la)**

Entre a árvore e o vê-la  
Onde está o sonho?  
Que arco da ponte mais vela  
Deus?... E eu fico tristonho  
Por não saber se a curva da ponte  
É a curva do horizonte...

Entre o que vive e a vida  
Pra que lado corre o rio?  
Árvore de folhas vestida —  
Entre isso e Árvore há fio?  
Pombas voando — o pombal  
Está-lhes sempre à direita, ou é real?

Deus é um grande Intervalo,  
Mas entre quê e quê?...  
Entre o que digo e o que calo  
Existo? Quem é que me vê?  
Erro-me... E o pombal elevado  
Está em torno na pomba, ou de lado?

[1913?]

## ***Entre o bater rasgado dos pendões***

Entre o bater rasgado dos pendões  
E o cessar dos clarins na tarde alheia,  
A derrota ficou : como uma cheia  
Do mal cobriu os vagos batalhões.

Foi em vão que o Rei louco os seus varões  
Trouxe ao prolixo prélio, sem idéia.  
Água que mão infiel verteu na areia —  
Tudo morreu, sem rastro e sem razões.

A noite cobre o campo, que o Destino  
Com a morte tornou abandonado.  
Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos  
'Strelam no absurdo campo desolado  
Uma derrota heráldica de ignotos.

## ***Entre o luar e a folhagem***

Entre o luar e a folhagem,  
Entre o sossego e o arvoredos,  
Entre o ser noite e haver aragem  
Passa um segredo.  
Segue-o minha alma na passagem.

Tênue lembrança ou saudade,  
Princípio ou fim do que não foi,  
Não tem lugar, não tem verdade.  
Atraí e dói.

Segue-o meu ser em liberdade.

Vazio encanto ébrio de si,  
Tristeza ou alegria o traz ?  
O que sou dele a quem sorri ?  
Nada é nem faz.  
Só de segui-lo me perdi.

## ***Entre o sono e sonho,***

Entre mim e o que em mim  
É o quem eu me suponho  
Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,  
Diversas mais além,  
Naquelas várias viagens  
Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito  
A casa que hoje sou.  
Passa, se eu me medito;  
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre  
No que me liga a mim  
Dorme onde o rio corre —  
Esse rio sem fim.

## ***Eros e Psique***

...E assim vêdes, meu Irmão, que as verdades  
que vos foram dadas no Grau de Neófito, e  
aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto  
Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

*(Do Ritual Do Grau De Mestre Do  
Átrio  
Na Ordem Templária De Portugal)*

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera,  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado,  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

---

Publicado pela primeira vez in *Presença*, n.os 41-42, Coimbra, maio de 1934. Acerca da epígrafe que encabeça este poema diz o próprio autor a uma interrogação levantada pelo crítico A. Casais Monteiro, em carta a este último:

A citação, epígrafe ao meu poema “Eros e Psique”, de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente — o que é fato — que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência desde cerca de 1888. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do Ritual, pois se não devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho [In VO/II.]

---

## ***Esqueço-me das horas transviadas***

### **PASSOS DA CRUZ**

Esqueço-me das horas transviadas  
o Outono mora mágoas nos outeiros  
E põe um roxo vago nos ribeiros...  
Hóstia de assombro a alma, e toda estradas...

Aconteceu-me esta paisagem, fadas  
De sepulcros a orgíaco... Trigueiros  
Os céus da tua face, e os derradeiros  
Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro seqüestrando a lucidez  
Um espasmo apagado em ódio à ânsia  
Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos  
E a cor do outono é um funeral de apelos  
Pela estrada da minha dissonância...

## ***Esta espécie de loucura***

Esta espécie de loucura  
Que é pouco chamar talento  
E que brilha em mim, na escura  
Confusão do pensamento,

Não me traz felicidade;  
Porque, enfim, sempre haverá  
Sol ou sombra na cidade.  
Mas em mim não sei o que há



## ***Feliz dia para quem é***

Feliz dia para quem é  
O igual do dia,  
E no exterior azul que vê  
Simples confia!

Azul do céu faz pena a quem  
Não pode ser  
Na alma um azul do céu também  
Com que viver

Ah, e se o verde com que estão  
Os montes quedos  
Pudesse haver no coração  
E em seus segredos!

Mas vejo quem devia estar  
Igual do dia  
Insciente e sem querer passar.  
Ah, a ironia

De só sentir a terra e o céu  
Tão belo ser  
Quem de si sente que perdeu  
A alma p'ra os ter!

## ***Flor que não dura***

Flor que não dura  
Mais do que a sombra dum momento  
Tua frescura  
Persiste no meu pensamento.

Não te perdi  
No que sou eu,  
Só nunca mais, ó flor, te vi  
Onde não sou senão a terra e o céu.

## ***Foi um momento***

Foi um momento  
O em que pousaste  
Sobre o meu braço,  
Num movimento  
Mais de cansaço  
Que pensamento,  
A tua mão  
E a retiraste.  
Senti ou não ?

Não sei. Mas lembro  
E sinto ainda  
Qualquer memória  
Fixa e corpórea  
Onde pousaste  
A mão que teve  
Qualquer sentido  
Incompreendido.  
Mas tão de leve!...

Tudo isto é nada,  
Mas numa estrada  
Como é a vida  
Há muita coisa  
Incompreendida...

Sei eu se quando  
A tua mão  
Senti pousando  
'Sobre o meu braço,  
E um pouco, um pouco,  
No coração,  
Não houve um ritmo  
Novo no espaço ?  
Como se tu,  
Sem o querer,  
Em mim tocasses  
Para dizer  
Qualquer mistério,  
Súbito e etéreo,

Que nem soubesses  
Que tinha ser.

Assim a brisa  
Nos ramos diz  
Sem o saber  
Uma imprecisa  
Coisa feliz.

## ***Fosse eu apenas, não sei onde ou como***

Fosse eu apenas, não sei onde ou como,  
Uma coisa existente sem viver,  
Noite de Vida sem amanhecer  
Entre as sirtes do meu dourado assomo....

Fada maliciosa ou incerto gnomo  
Fadado houvesse de não pertencer  
Meu intuito gloriola com Ter  
A árvore do meu uso o único pomo...

Fosse eu uma metáfora somente  
Escrita nalgum livro insubsistente  
Dum poeta antigo, de alma em outras gamas,

Mas doente, e , num crepúsculo de espadas,  
Morrendo entre bandeiras desfraldadas  
Na última tarde de um império em chamas...

## ***Fresta***

Em meus momentos escuros  
Em que em mim não há ninguém,  
E tudo é névoas e muros  
Quanto a vida dá ou tem,

Se, um instante, erguendo a fronte  
De onde em mim sou aterrado,  
Vejo o longínquo horizonte  
Cheio de sol posto ou nado

Revivo, existo, conheço,  
E, ainda que seja ilusão  
O exterior em que me esqueço,  
Nada mais quero nem peço.  
Entrego-lhe o coração.

## ***Fúria nas trevas o vento***

Fúria nas trevas o vento  
Num grande som de alongar,  
Não há no meu pensamento  
Senão não poder parar.

Parece que a alma tem  
Treva onde sopra a crescer  
Uma loucura que vem  
De querer compreender.

Raiva nas trevas o vento  
Sem se poder libertar.  
Estou preso ao meu pensamento  
Como o vento preso ao ar.

## **Glosa**

Quem me roubou a minha dor antiga,  
E só a vida me deixou por dor ?  
Quem, entre o incêndio da alma em que o ser periga,  
Me deixou só no fogo e no torpor ?

Quem fez a fantasia minha amiga,  
Negando o fruto e emurhecendo a flor ?  
Ninguém ou o Fado, e a fantasia siga  
A seu infiel e irreal sabor...

Quem me dispôs para o que não pudesse ?  
Quem me fadou para o que não conheço  
Na teia do real que ninguém tece ?  
Quem me arrancou ao sonho que me odiava  
E me deu só a vida em que me esqueço,  
“Onde a minha saudade a cor se trava ?”

## **Gomes Leal**

Sangra, sinistro, a alguns o astro baço.  
Seus três anéis irreversíveis são  
A desgraça, a tristeza, a solidão.  
Oito luas fatais fitam no espaço.

Este, poeta, Apolo em seu regaço  
A Saturno entregou. A plúmbea mão  
Lhe ergueu ao alto o aflito coração.  
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inúteis oito luas da loucura  
Quando a cintura tríplice denota  
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,  
Vestígios de maligna formosura :  
É a lua além de Deus, álgida e ignota.

## ***Grandes mistérios habitam***

O limiar do meu ser,  
O limiar onde hesitam  
Grandes pássaros que fitam  
Meu transpor tardo de os ver.

São aves cheias de abismo,  
Como nos sonhos as há.  
Hesito se sondo e cismo,  
E à minha alma é cataclismo  
O limiar onde está.

Então desperto do sonho  
E sou alegre da luz,  
Inda que em dia tristonho;  
Porque o limiar é medonho  
E todo passo é uma cruz.

## ***Guia-me a só a razão***

Guia-me a só a razão.  
Não me deram mais guia.  
Alumia-me em vão ?  
Só ela me alumia.

Tivesse quem criou  
O mundo desejado  
Que eu fosse outro que sou,  
Ter-me-ia outro criado.

Deu-me olhos para ver.  
Olho, vejo, acredito.  
Como ousarei dizer:  
«Cego, fora eu bendito» ?

Como olhar, a razão  
Deus me deu, para ver  
Para além da visão —  
Olhar de conhecer.

Se ver é enganar-me,  
Pensar um descaminho,  
Não sei. Deus os quis dar-me  
Por verdade e caminho.

## ***Ilumina-se a Igreja por Dentro da Chuva***

Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia,  
E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça...

Alegra-me ouvir a chuva porque ela é o templo estar aceso,  
E as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido por dentro ...

O esplendor do altar-mor é o eu não poder quase ver os montes  
Através da chuva que é ouro tão solene na toalha do altar...

Soa o canto do coro, latino e vento a sacudir-me a vidraça  
E sente-se chiar a água no fato de haver coro...

A missa é um automóvel que passa  
Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste ...  
Súbito vento sacode em esplendor maior  
A festa da catedral e o ruído da chuva absorve tudo  
Até só se ouvir a voz do padre água perder-se ao longe  
Com o som de rodas de automóvel...

E apagam-se as luzes da igreja  
Na chuva que cessa ...

## ***Intervalo***

Quem te disse ao ouvido esse segredo  
Que raras deusas têm escutado —  
Aquele amor cheio de crença e medo  
Que é verdadeiro só se é segredado?...  
Quem te disse tão cedo?

Não fui eu, que te não ousei dizê-lo.  
Não foi um outro, porque não sabia.  
Mas quem roçou da testa teu cabelo  
E te disse ao ouvido o que sentia?  
Seria alguém, seria?

Ou foi só que o sonhaste e eu te o sonhei?  
Foi só qualquer ciúme meu de ti  
Que o supôs dito, porque o não direi,  
Que o supôs feito, porque o só fingi  
Em sonhos que nem sei?

Seja o que for, quem foi que levemente,  
A teu ouvido vagamente atento,  
Te falou desse amor em mim presente  
Mas que não passa do meu pensamento  
Que anseia e que não sente?

Foi um desejo que, sem corpo ou boca,  
A teus ouvidos de eu sonhar-te disse  
A frase eterna, imerecida e louca —  
A que as deusas esperam da ledice  
Com que o Olimpo se apouca.

## ***Isto***

Dizem que finjo ou minto  
Tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação.  
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,  
O que me falha ou finda,  
É como que um terraço  
Sobre outra coisa ainda.  
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio  
Do que não está ao pé,  
Livre do meu enleio,  
Sério do que não é.  
Sentir? Sinta quem lê!

## ***Liberdade***

Ai que prazer  
Não cumprir um dever,  
Ter um livro para ler  
E não fazer!  
Ler é maçada,  
Estudar é nada.  
Sol doira  
Sem literatura  
O rio corre, bem ou mal,  
Sem edição original.  
E a brisa, essa,  
De tão naturalmente matinal,  
Como o tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.  
Estudar é uma coisa em que está indistinta  
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quanto há bruma,  
Esperar por D.Sebastião,  
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
Mas o melhor do mundo são as crianças,  
Flores, música, o luar, e o sol, que peca  
Só quando, em vez de criar, seca.

Mais que isto  
É Jesus Cristo,  
Que não sabia nada de finanças  
Nem consta que tivesse biblioteca...

## ***Não digas nada!***

Não digas nada!  
Nem mesmo a verdade  
Há tanta suavidade em nada se dizer  
E tudo se entender —  
Tudo metade  
De sentir e de ver...  
Não digas nada  
Deixa esquecer

Talvez que amanhã  
Em outra paisagem  
Digas que foi vã  
Toda essa viagem  
Até onde quis  
Ser quem me agrada...  
Mas ali fui feliz  
Não digas nada.

## ***Não: não digas nada!***

Não: não digas nada!  
Supor o que dirá  
A tua boca velada  
É ouvi-lo já

É ouvi-lo melhor  
Do que o dirias.  
O que és não vem à flor  
Das frases e dos dias.

És melhor do que tu.  
Não digas nada: sê!  
Graça do corpo nu  
Que invisível se vê.

## **O Andaime**

O tempo que eu hei sonhado  
Quantos anos foi de vida!  
Ah, quanto do meu passado  
Foi só a vida mentida  
De um futuro imaginado!

Aqui à beira do rio  
Sossego sem ter razão.  
Este seu correr vazio  
Figura, anônimo e frio,  
A vida vivida em vão.

A 'sp'rança que pouco alcança!  
Que desejo vale o ensejo?  
E uma bola de criança  
Sobre mais que minha 's'prança,  
Rola mais que o meu desejo.

Ondas do rio, tão leves  
Que não sois ondas sequer,  
Horas, dias, anos, breves  
Passam — verduras ou neves  
Que o mesmo sol faz morrer.

Gastei tudo que não tinha.  
Sou mais velho do que sou.  
A ilusão, que me mantinha,  
Só no palco era rainha:  
Despiu-se, e o reino acabou.

Leve som das águas lentas,  
Gulosas da margem ida,  
Que lembranças sonolentas  
De esperanças nevoentas!  
Que sonhos o sonho e a vida!

Que fiz de mim? Encontrei-me  
Quando estava já perdido.  
Impaciente deixei-me  
Como a um louco que teime  
No que lhe foi desmentido.

Som morto das águas mansas  
Que correm por ter que ser,  
Leva não só lembranças —  
Mortas, porque hão de morrer.

Sou já o morto futuro.  
Só um sonho me liga a mim —  
O sonho atrasado e obscuro  
Do que eu devera ser — muro  
Do meu deserto jardim.

Ondas passadas, levai-me  
Para o alvido do mar!  
Ao que não serei legai-me,  
Que cerquei com um andaime  
A casa por fabricar.

## **O Maestro Sacode a Batuta**

O maestro sacode a batuta,  
A lânguida e triste a música rompe ...

Lembra-me a minha infância, aquele dia  
Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal  
Atirando-lhe com, uma bola que tinha dum lado  
O deslizar dum cão verde, e do outro lado  
Um cavalo azul a correr com um jockey amarelo ...

Prossegue a música, e eis na minha infância  
De repente entre mim e o maestro, muro branco,  
Vai e vem a bola, ora um cão verde,  
Ora um cavalo azul com um jockey amarelo...

Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância  
Está em todos os lugares e a bola vem a tocar música,  
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal  
Vestida de cão verde tornando-se jockey amarelo...  
(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos...)

Atiro-a de encontra à minha infância e ela  
Atravessa o teatro todo que está aos meus pés  
A brincar com um jockey amarelo. e um cão verde  
E um cavalo azul que aparece por cima do muro  
Do meu quintal... E a música atira com bolas  
À minha infância... E o muro do quintal é feito de gestos  
De batuta e rotações confusas de cães verdes  
E cavalos azuis e jockeys amarelos ...

Todo o teatro é um muro branco de música  
Por onde um cão verde corre atrás de minha saudade  
Da minha infância, cavalo azul com um jockey amarelo...

E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,  
Donde há árvores e entre os ramos ao pé da copa  
Com orquestras a tocar música,  
Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei  
E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância...

E a música cessa como um muro que desaba,  
A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,  
E do alto dum cavalo azul, o maestro, jockey amarelo tornando-se  
preto,

Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,  
E curva-se, sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,  
Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo...

## ***O que me dói não é***

O que me dói não é  
O que há no coração  
Mas essas coisas lindas  
Que nunca existirão...

São as formas sem forma  
Que passam sem que a dor  
As possa conhecer  
Ou as sonhar o amor.

São como se a tristeza  
Fosse árvore e, uma a uma,  
Caíssem suas folhas  
Entre o vestígio e a bruma.

*(Fernando Pessoa, 5-9-1933)*

## ***Pobre velha música!***

Pobre velha música!  
Não sei por que agrado,  
Enche-se de lágrimas  
Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te,  
Não sei se te ouvi  
Nessa minha infância  
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva  
Quero aquele outrora!  
E eu era feliz? Não sei:  
Fui-o outrora agora.

## ***Põe-me as mãos nos ombros...***

Põe-me as mãos nos ombros...  
Beija-me na frente...  
Minha vida é escombros,  
A minha alma insonte.

Eu não sei por quê,  
Meu desde onde venho,  
Sou o ser que vê,  
E vê tudo estranho.

Põe a tua mão  
Sobre o meu cabelo...  
Tudo é ilusão.  
Sonhar é sabê-lo.

## ***Sonho. Não sei quem sou.***

Sonho. Não sei quem sou neste momento.  
Durmo sentindo-me. Na hora calma  
Meu pensamento esquece o pensamento,  
Minha alma não tem alma.

Se existo é um erro eu o saber. Se acordo  
Parece que erro. Sinto que não sei.  
Nada quero nem tenho nem recordo.  
Não tenho ser nem lei.

Lapso da consciência entre ilusões,  
Fantasmas me limitam e me contêm.  
Dorme insciente de alheios corações,  
Coração de ninguém.

## ***Sorriso audível das folhas***

Sorriso audível das folhas  
Não és mais que a brisa ali  
Se eu te olho e tu me olhas,  
Quem primeiro é que sorri?  
O primeiro a sorrir ri.

Ri e olha de repente  
Para fins de não olhar  
Para onde nas folhas sente  
O som do vento a passar  
Tudo é vento e disfarçar.

Mas o olhar, de estar olhando  
Onde não olha, voltou  
E estamos os dois falando  
O que se não conversou  
Isto acaba ou começou?

## **Tenho Tanto Sentimento**

Tenho tanto sentimento  
Que é freqüente persuadir-me  
De que sou sentimental,  
Mas reconheço, ao medir-me,  
Que tudo isso é pensamento,  
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,  
Uma vida que é vivida  
E outra vida que é pensada,  
E a única vida que temos  
É essa que é dividida  
Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é a verdadeira  
E qual errada, ninguém  
Nos saberá explicar;  
E vivemos de maneira  
Que a vida que a gente tem  
É a que tem que pensar.

## ***Teus olhos entristecem.***

Teus olhos entristecem  
Nem ouves o que digo.  
Dormem, sonham esquecem...  
Não me ouves, e prossigo.

Digo o que já, de triste,  
Te disse tanta vez...  
Creio que nunca o ouviste  
De tão tua que és.

Olhas-me de repente  
De um distante impreciso  
Com um olhar ausente.  
Começas um sorriso.

Continuo a falar.  
Continuas ouvindo  
O que estás a pensar,  
Já quase não sorrindo.

Até que neste ocioso  
Sumir da tarde fútil,  
Se esfolha silencioso  
O teu sorriso inútil.

## ***Tomamos a Vila depois de um Intenso Bombardeamento***

A criança loura  
Jaz no meio da rua.  
Tem as tripas de fora  
E por uma corda sua  
Um comboio que ignora.

A cara está um feixe  
De sangue e de nada.  
Luz um pequeno peixe  
— Dos que bóiam nas banheiras —  
À beira da estrada.

Cai sobre a estrada o escuro.  
Longe, ainda uma luz doura  
A criação do futuro...

E o da criança loura?

## ***Vaga, no azul amplo solta***

Vaga, no azul amplo solta,  
Vai uma nuvem errando.  
O meu passado não volta.  
Não é o que estou chorando.

O que choro é diferente.  
Entra mais na alma da alma.  
Mas como, no céu sem gente,  
A nuvem flutua calma.

E isto lembra uma tristeza  
E a lembrança é que entristece,  
Dou à saudade a riqueza  
De emoção que a hora tece.

Mas, em verdade, o que chora  
Na minha amarga ansiedade  
Mais alto que a nuvem mora,  
Está para além da saudade.

Não sei o que é nem consinto  
À alma que o saiba bem.  
Visto da dor com que minto  
Dor que a minha alma tem.